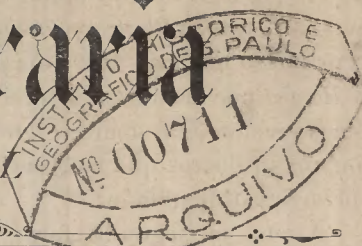


# Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL



S. Paulo, 24 de Fevereiro de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

Secretario: — Luiz Carneiro

## SUMARIO

Chronica . . . . .	JOÃO MAX.
Never more, soneto . . . . .	MANOEL VIOTTI.
Tempo antigo . . . . .	HENRIQUE BARCELLOS.
Soneto . . . . .	MANOELITO LYRA.
Historia romantica . . . . .	JULIO D'YVES.
Metamorphose, soneto . . . . .	ANTONIO DE OLIVEIRA.
Uma das do padre cura . . . . .	HYPPOLITO DE CAMARGO.
Velhas e novas . . . . .	
Despachos . . . . .	JOB.
Platéas . . . . .	LUDOVICUS.
Salões . . . . .	
Problemas a premio . . . . .	COCISFRAN.
Expediente . . . . .	

## Chronica

Demos o logar de honra ao sarau effectuado no Germania. Além de ser o caso mais importante destes sete dias escoados pacifica, somnolentemente, essa festa toda de arte foi uma especie de iniciativa, que pelo brilhante successo, deixa atraz de si um rastro luminoso para os emprehendedores de amanhã.

Ainda não ha muito que tres rapazes, em meio de um cavaco ligeiro, se lembraram de coisa assim parecida, com bella musica, poesias, discursos. E logo começaram a fallar sobre o caso, profunda e seriamente; veio uma esfusiada de projectos de prompto discutidos e accites: este lembrava um nome, aquell'outro ia-o immediatamente escrevendo como quem conta com auxilio certo, infallivel. Mas quando se tractou da realisação, esses planos alevantados, grandiosos, cahiram. Ninguem se prestou a ir convidar, a pedir, por medo, pelo receio e intima convicção de uma resposta negativa.

E' verdade tambem, que o sarau de segunda-feira não foi positivamente uma festa de rapazes; tres homens respeitaveis o apadrinharam e tudo é devido á influencia dos seus nomes. A mocidade

que noutras partes do Brazil tanto se mostra, ganhando sempre a vanguarda em assumptos de arte, deixou aqui passar esse ensejo da terrivel catastrophe da Terceira, conforme tem deixado passar n'tos outros, embora veja como do norte e do sul tudo caminha em demanda da mesma ideia. Os rapazes de S. Paulo, não fazem nada, esta é a verdade, e ninguem a confessaria com mais pezar do que eu.

Quando chega a occasião de apparecermos, encolhemo-nos, escondemo-nos mais, e do nosso canto embasbacamos para quem passa...

Que barulhão produziu aqui a *Padaria Espiritual*, o seu tão bem amanhado *Pão*, uma quantidade de livros que em menos de um anno o Ceará nos mandou, como hymnos gloriosos d'um triumpho que se accentua dia a dia!

Mais um bello exemplo a seguir, mais um acinte que até sobe ás raias do sarcasmo. Que fizemos nós? Abrimos a bocca, rompemos em exclamações. Bravo, que mocidade, que rapazes de nervos, que valentes! E' bem certo que do norte vem a luz. Viva a *Padaria Espiritual*!

E ficamos nisto. Nada de seguir os que caminham, nada da luctar com seriedade, muito, até vencer, apagando esta fama de inuteis de que *gossamos* nas outras cidades.

E' a inepeia, que nos força a este somno? Não, é a preguiça e a má vontade. Do norte não vem luz alguma, differente pelo brilho ou pela intensidade da que poderia partir d'aqui. Nós temos talento natural como elles, os do Ceará ou os do Rio. Não o cultivamos, fazendo-o reflectir-se e echoar fora d'aqui; em vez de nos unirmos, quebramos pela má lingua, pela intriga os laços que naturalmente vão nascendo. Se apparece um desconhecido, um novo que tenta voar, em vez de lhe darmos ares e espaço, tentamos fazel-o cahir á pedrada. Se alguém se der ao trabalho de observar o que fazem esses grupos de rapazes por ahi de noite á porta dos cafés, verifica necessariamente isto: metade faz má lingua, a outra metade não faz coisa alguma, ou quando muito conta anedoctas.



Pensou-se ahí outro dia n'um club artistico, não vingou essa ideia; fundou Adolpho Araujo uma revista de arte, a *Illustração*: não passou essa revista do primeiro numero; sobre uma certa representação do *Hamlet* por amadores, nem é bom fallar; e assim vamos vivendo, na sombra, ignorados e ignorantes, com uns projectos que morrem sem realisação ante a primeira dificuldade.

Ainda na segunda feira, o chronista, que a meio das escadas do *Germania* esperava a sahida de alguém, ouviu de dois sujeitos que desciam, enfiando os sobretudos, estas palavras amargas:

—Que bella festa, hein? Mas que houve para não ser isto organizado cá pela nossa gente, pelos rapazes, os litteratos novos. E nós que os temos!

Pois sim. Esses dois são os mesmos que apresentando mil obstaculos desesperadores, se oppoeram a uma festa igual, haverá dois mezes.

Mas já que nos reapareceu no papel a *soirée* do *Germania*, façamos-lhe uma rapida analyse, que para este fim tomámos a penna:

#### MOZART - Quartetto.

Um começo verdadeiramente feliz. Os S's. Castagnoli, Magnani, B. Machado e dr. José A. de Queiroz, firmaram mais uma vez com raro brilho a sua bella reputação; e a sala em peso, com ardentés palmas de enthusiasmo, não os applaudiu como amadores, sim como verdadeiros artistas que não carecem de generosidade.

#### MUSA IMPASSIVEL - (sonetos).

Tanta vez esses extraordinarios versos de D. Francisca Julia da Silva, tem sido transcriptos, commentados com adjectivos, sempre pallidos e mesquinhos para o seu valor, que o chronista já se não atreve a copial-os, e a dar sobre elles um juizo longo e miudo.

O nome da artista dos *Marmores* é um nome consagrado, eleito desde a sua apparição, por unanimidade dos que leem.

Assim, D. Francisca Julia da Silva foi victoriada, antes que da sua bocca comessem a subir esses alexandrinos, capazes por si só de erguerem uma reputação. Depois, um silencio absoluto, religioso, pairou na sala. E como que no espirito de cada ouvinte se implantava certa convicção, relacionada com a dedicatoria d'um soneto de Victor Silva...

MEYERBEER — *Addio terra nativa.*

(Aria da opera «Africana».)

Por D. Francisca Redondo. Foi uma commoção geral, quando essa senhora appareceu perto do

piano, toda branca já e ainda sustentando a larga nomeada que ha muito tempo conquistou. A sua voz é sonora, agradavelmente timbrada, e de como feriu os espectadores, bem mostraram applausos unanimes estalando enthusiasica e prolongadamente.

Foi talvez a aria de Meyerbeer a nota-mais sympathica de toda a festa.

#### VINGANÇA DE FLOR — (Poesia)

“Foi vingança de flor... Eu sei que as flores mentem”

Versos d'um lyrismo brando, tão naturaes, e tão aparentemente verdadeiros, a ponto de se nos affigurar alli retratada a alma de que nasceram. D. Zalina Rolim é sempre a Poetisa deliciosissima do *Coração*; pelo coração vive e d'elle sahem essas canções intimas e simples que se decoram, e cuja harmonia dulcissima fica retinindo no ouvido de uns por muitos dias, no de outros para sempre.

A's palmas vehementes que a *Vingança* obteve, o chronista junta o seu humilde preito, muito humilde na verdade, mas sincero.

#### SCHUBERT — *Nella Floresta.* — GOUNOD, *Serenata.*

D. Alexandrina Loureiro captivou todos os que tiveram a felicidade de a ouvir, conservando-os presos da sua voz que toca a alma. Sem grandes voos arrebatadores, é uma voz purissima, cheia de doçura, agradável como uma caricia.

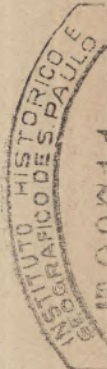
Quando D. Alexandrina acabou de cantar, ninguém saberia ao certo que tempo decorrerá. Foi um sonho.

#### QUADRO A OLEO, EM 10 MINUTOS

Quando D. Bertha Worms se sentou defronte da tela, onde uma paisagem, uma figura, uma phantasia, qualquer coisa emfim completa e clara, deveria surgir no espaço de 10 minutos, houve uma suspensão ansiosa na sala. Pessoas mais incredulas puxavam do relógio, todos cravaram olhos soffregos, curiosos, n'aquella mão de perfeita Artista que voava pelo quadro fóra, subia, cahia, espalhando a tinta a traços largos e seguros.

Finalmente passam os minutos marcados; a tela exposta á luz, apresenta uma larga mancha, parte escura, parte vermelha, que se não comprehende assim de longe. Depois, sim, tudo corre e admira o trabalho — uma formosa marinha, na meia claridade da tarde, um navio de velas fartas, o sol ao longe afogado no sangue do poente...

Para D. Bertha Worms todos os elogios são poucos.





MOZART.— 3.<sup>o</sup> Concerto para *Allegro aperto*, *Andante Final* (tempo de minuetto) com acompanhamento de 2.<sup>o</sup> piano e quintetto de arco.

Uma creança prodigiosa, essa galantissima Antonietta Rudge, e devo ser eu o vigesimo chromista que junta esse adjectivo ao seu nome, já tão querido.

Ella é no piano o que Giulietta Dionesi foi no violino—uma alma precoce, milagrosa, que já comprehende quanta tristeza ou alegria cabe n'um compasso de musica.

O trecho de Mozart conquistou um triumpho completo, e todos os ouvintes desejariam n'essa hora cobrir de beijos aquella mão pequenina, talhada para a Arte.

VACCAI.—*Duetto da opera Romeo e Giullietta.*

Foi cantado com rara perfeição por D. Carlinda Moreira da Silva e D. Brazilia de Andrada Machado, esse trecho emmoionador, dum delicadissimo sentimento. Numa compenetrção exacta da musica, essas senhoras deram-lhe talvez todo o relevo e toda a expressão que o maestro desejaria.

Innumeras palmas as saudaram.

OLHAR— (poesia).

Ao apparecer no elegante scenario a figurinha elegante de Julio Cesar, houve um fremito singular nas filas das damas... E ao terminar o Poeta a recitação dos seus bellos versos, recebeu o seu ramalhete debaixo d'uma salva de palmas. Mereceu-a.

( PERGOLESI.—*Tre giorni.*

( TOSTI.—*Vorrei morire.*

D. Bertha Loureiro provou ante o selecto auditorio que sabe musica e que comprehende a musica ; sahio-se galhardamente da tarefa, fazendo com que se misturasse a ultima nota do seu canto com os applausos que explodiram.

Foi um triumpho.

DIA DE REIS (poesia).

Uma poesia digna do estro de d. Adalina Lopes Vieira : versos fluentes, cheios de sentimento e simplicidade. A autora soube realçar-lhe as bellezas com a sua dicção toda correctá, chegando a dar-nos a impressão commovedora dum naufragio medonho que se avista.

Foi applaudida entusiasticamente, recebendo calorosas felicitações das suas irmãs na Arte, entre as quaes D. Preseiliana Duarte de Almeida, que se achava presente.

CONCERTSTUCK.—(Peça de concerto) para piano, com acompanhamento de 2.<sup>o</sup> piano e quintetto de arco.

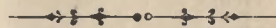
Chiaffarelli é o mesmo artista correcto, fino interprete da divina linguagem do sentimento. Acompanhado pelo quintteto d'*A Paulicéa*, desempenhou com maestria o longo e apreciado *Concertstück*, de Weber, fazendo juz a uma calorosa salva de palmas.

E eis ahi o que foi a brilhante festa.

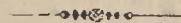
Aproveito as poucas linhas que me é dado eserever ainda, para felicitar sinceramente a commissão organisadora, os directores da festa, a pleiade de executantes do programma.

Felicitações, meus senhores ! Parabens, exmas. senhoras!

JOÃO MAX.



Nosso muito talentoso collaborador Antonio de Oliveira, actualmente em Sorocaba, contractou naquella cidade a edição do seu primeiro volume de poesias—*Brimas.*



## NEVER MORE

*E depois que o jugo dessa dor me não deixa,  
Trago dentro do peito, encarcerado e mudo,  
O espectro da Dor, em lamentosa queixa,  
Vergado á magua hiulca, em soffrimento rudo.*

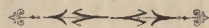
*Na soturna nudez se esborcellando tudo,  
Nem siquer de um Santelmo a lucida madeixa  
Brilha nos penetraes deste pezar sanhudo  
E illumina o pavor desta funebre endeixa.*

*Plange um dobre roufenho... Tu, amor defuncto,  
O sarcophago dos sonhos rasgas bem juncto  
Da Saudade inseputta e tábido, repousas...*

*...Nunca mais da chimera a lucida redoma...  
E, intonso, o cyprestal distende a negra coma  
Na pavida nudez destas funereas lousas.*

MANOEL VIOTTI.

29—S—94.



O coração humano é uma caverna ou gruta de muitos seios, capacissimos e tão escuros, que só Deus os penetra.

P. MANOEL BERNARDES.



## Tempo antigo

A Amadeu Amaral

A sua amavel carta, meu estimavel collega, tão amavel e benevolente, solicitando a minha collaboração para a sua excellente *Revista Litteraria*, veio lembrar-me um pedido semelhante ha bons quinze annos.

O anno de 1880 deve estar inscripto nos annos academicos entre os de maior actividade intellectual. A prosa e o verso tinham na Academia buriladores especiaes. Foi o aureo tempo do Affonso Celso Junior, o *Affonsinho*, como lhe chamavam então; de Valentim Magalhães, o nervoso chronista, sempre chistoso e elegante; de Raul Pompeia, alma sensivel de artista, cujas produções litterarias ou artisticas, pois desenhava tão bem como escrevia, eram assignadas *Rupp*; de Werneck e Argymiro Galvão, que pretendiam, com sinceridade, reformar a patria, o primeiro com a batuta do positivismo, o segundo com umas damnadas transcendencias germanicas.

O batalhão rio grandense perálava se luzido nesta campanha do pensamento.

Bartholomeu de Assis Brazil, excellent caçador, repartia a sua mocidade nestas tres occupações—estudar direito, caçar passaros e caçar a rima; ninguem melhor que elle conhecia todas as especies de carabinas, ninguem se lhe avantajava na delicadesa do verso ou na profundidade do conceito.

Julio de Castilhos e Pereira da Costa publicavam uma revista, cujo titulo me escapa, e que denunciava já um republicanismo radical e *sans-culotte*.

Valentim Magalhães e Silva Jardim publicavam a *Comedia*, semanario de critica, cuja existencia brilhante e curta, esteve cotada na razão inversa de seu *humorismo* extraordinario.

A academia era, como se pôde imaginar, uma forja incessante de idéas novas, ou reproduzidas dos primeiros pensadores do tempo; umas, extravagantes; outras, uteis ou de simples prazer intellectual: todas, reveladoras certamente de surpreendente pujança da mocidade de então!

Extranho destino o dos homens! Extranhas cousas succedem na roda da vida de cada um!

Affonso Celso via então a politica a abrir-lhe as portas da mais alta carreira; bem depressa o imprevisito das cousas humanas devia cerrar-lhe essas aspirações e perder o politico para nos legar o litterato.

Raul Pompeia, o fogoso propagandista da abolição e incorrigivel bohemio, está hoje lente da Academia das bellas-artes; Werneck levou á pratica muitas das suas ideas; Assis Brazil gosa as

honras de diplomata; Pereira da Costa, deputado e jornalista; Julio de Castilhos vive sobre um vulcão e na cratera de um vulcão precipitou-se Silva Jardim, acontecimento tragico, horrivel como a obsessão de um sonho máu!...

Foi naquelle anno de 1880 que recebi uma carta de Silva Jardim pedindo-me collaboração para a sua *Comedia*, delle e do Valentim. Mandei-lhe uma chronica, cujo authographo quasi enlouqueceu o compositor. Silva Jardim fel-o sentir no proprio numero em que se publicou a chronica e eu, revendo o meu livro de notas encontro isto do desventurado rapaz:—«Amigo Henrique de Barcellos—Deliciosa a sua chronica; horrivel, indecifrável a sua lettra.»

Este caso de lettra má faz-me lembrar outra observação de um illustre medico a quem dirigi uma carta. A resposta foi esta: «Peço a V. que mande outra pessoa escrever as suas cartas, que o que V. escreve, nem eu nem o diabo o entende.»

Audio-me tudo o que ahi fica, meu caro collega, ao ler o seu pedido, acerescendo a satisfação de vêr que, nestes tempos revoltos, ainda ha alguem que se preocupe de litteratura.

E' que mesmo no seio das mais lugubres crises sociaes, a mocidade é o eterno passaro chilreante que nos lembra o azul transparente e a resplandescencia dos bellos dias.\*

Não fosse ella, no sacrario do seu coração entusiasta, a eterna depositaria das grandes aspirações!

Desde Santo Agostinho, o dissoluto que se converteu á fé, o doutor da Igreja tão perspicaz analysta desse pobre centro da vida; desde Shakspeare que o comparou a um instrumento de sopro; desde Edgar Pöe, que o figura uma ave noctivaga, e Henrique Heine que o mostra como um carpinteiro incessantemente a bater; temos aprendido que esse organ, fonte de todas as grandezas e de todas as torpezas, tem sido o foco das mais adoraveis cousas, quando se agita ao calor do sangue rico da mocidade!

E' esse calor que ha de fazer crescer a *flôr que desabrocha*, a revista que o meu collega fundou entre as conturbações da hora presente.

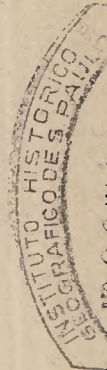
Oh! mocidade! Qual o poder da terra, bastante poderoso ou despotico, que consiga a divina symphonia da vossa perenne jovialidade?

HENRIQUE DE BARCELLOS.

Campinas, 16-2-95.

O coração é como as arvores que só dão o seu balsamo para as feridas dos homens, quando o ferro tambem as fere.

CHATEAUBRIAND.





## SONETO

Ninguém adivinhará quem é o autor destes bonitos versos... Nem nós podemos encaixar debaixo delles o nome do poeta, que com a sua autoridade de velho nol-o prohibiu.

Eil-o :

Foi-se o passado já ! Fita o futuro  
Que tem do amor a festa resplendente,  
E o lucto que te anoita em tredo escuro,  
Bane do corpo e d'alma alegremente !

Porque, quando este meu olhar ardente  
Encontra o teu olhar suave e puro...  
D'uma harpa eólea que gemeu plangente  
Eu sinto n'alma o languido sussurro !

Na curva musical desse teu seio  
Delira dos meus versos o lyrismo  
Batendo as azas n'um perdido aneio !

Astro, deixa da noite o atroz mutismo...  
Atira-te, formosa, sem receio,  
Deste meu coração no ardente abysmo !...

MANOELITO LYRA.

## Historia romantica

Quem conheceu a cidade de S. Paulo, pelos annos de 1850 a 1860, considera-se em paiz extranho, hoje, tamanha é a differença da feição característica da Cidade.

As ruas dir-se-hia que tinham outro feitio do que as actuaes, e um sem numero de viellas e becos, teem desaparecido, sem que seja possivel conhecer-se hoje, o logar em que pousavão.

Pois bem, acredite a leitora, para a gente d'aquelle tempo, punge intensa a saudade do velho S. Paulo, e não ha consolação possivel.

Quantas vezes ao voltar, pela tarde, dos labores da vida diurna, não me encontrava eu repentinamente n'aquelles tempos passados, e não revivia os annos da juventude esvaecida.

Qu'importa este crescimento innegavel de progresso, e de riqueza, se novos habitos e costumes se tem superposto a vida antiga, e tem-na suffocado por tal forma, que desapareceu para sempre a feição característica do meu velho e tão amado S. Paulo.

Esqueçamos, porém, por um momento, e deixemos que a lembrança dos longiquos acontecimentos nos amaine por instantes a intensa saudade.

\*\*

No anno de 185... ao cahir da noite, tomei da larga capa, de barra e gola de veludo negro, e seguro o largo chapéo desabado, dei de caminhar, para os lados do campo da Luz, do costumado passeio.

A noite, sem que resplandescesse de vividas estrellas a recamarem o céu azul, era de uma belleza característica; os paramos da abobada de um azul escuro e denso, aclarado as vezes por fugitivas estrellas, como que ameaçava proxima trovoadas, e d'espaco vagas lufadas de vento passavão como que estremeendo.

E no entanto a noite era bella, em sua grandeza ameaçadora, e insensivelmente alteava-se-me o peito a resfolegar.

Segui vereda, cantarolando plangente toada de uma modinha então em voga, e atravessando o campo da Luz, cujas montanhas mal aclaradas a orlarem o horizonte, apontavão longiquas, já pelas beiras do areial, embrenhei-me por um caminho a direita, muito meu conhecido, em busca da casinhola hospedeira da velha Gertrudes, onde eram sem duvida a esperar-me dous amigos fieis, e um café quentinho, como já não se toma hoje.

Pela mente perpassavão-me ideias desencontradas, e máu grado meu, surdia-me a vista do coração a imagem esbelta e elegante, em sua formosura melancolica da menina L., filha de um rico proprietario ha pouco chegado a S. Paulo.

Nunca lhe havia eu fallado, mas bastava tel-a visto, para me sentir attrahido, e pensar frequentemente n'ella.

Acaso começava eu de amal-a ? Em realidade não sei; o certo é que me aprazia rememorar-lhe as feições seductoras.

Não sei porque estuguei os passos, e apalpei insensivelmente a companheira fiel, a faca de bainha de prata, que trazia sempre presa na cava do collete.

Já ia eu me approximando da casinhola procurada, quando me pareceu ouvir ruido, e subaneamente rompeu um gemido, por entre as lufadas do vento.

Apressei o andar, na direcção que indicava o ruido, e deparei com uma pobre moça, que se debatia nos braços de um homem, esforçando-se por desvencillar-se do seu poder.

—Deixe-me, dizia a moça o Sr. é um infame !

E o miseravel ria-se, e continuava a arrastal-a.

Não foi possivel conter-me, adeantei-me para o grupo, e ao mesmo tempo desatei um silvo agudo, a chamar os amigos que me esperavão.

De um pulo cheguei-me ao homem, e sem mais reflectir, agarrando-me a elle, clamei: — Deixe



esta moça, ou mato-a como um cão. E a lamina fria e esguia da minha faca roçava-lhe já pelo pescoço.

O homem resistio ; era de forças superiores ás minhas, e eu teria sido vencido, se não me surgissem ao lado, de um impeto, os meus dous amigos que de logo inutilisarão a resistencia do miseravel.

—Que têm os senhores com a minha vida? perguntou elle; deixem-me com esta senhora que me deve seguir, affastem-se. E redobrava de esforços.

—Cale-se, respondi eu, e não se mecha. Olhe que eu o conheço bem, Sr. R.; desapareça e que não o vejamos mais.

Ouvindo o seu nome, e sentindo-se descoberto, o homem, mal contendo a sua ira, deixou de resistir.

Affastou-se, seguido de perto pelos meus amigos, bem resolvidos a fazerem-no pagar bem caro qualquer tentativa contra a infeliz senhora, que soluçava, como que desvairada.

Dei-lhe o meu braço, buscando tranquillisal-a, e com muito custo levei-a até a casinhola da velha Gertrudes, a ver se refazia-se do susto, e me indicava para onde a devia conduzir.

A fraca luz da canleia, que mal alumiaava as paredes e buraca las da pobre casa, reconheci, attonito a menina L., em cuja lembrança se embestia, ha tão pouco tempo, o meu pensamento.

Inqueri do que era aquillo, e por entre o pranto que lhe suffocava a palavra, contou-me ella uma triste historia, que ainda um dia hei-de referir, mas que não posso hoje relatar, tamanha foi a impressão soffrida.

Ella! era ella, e era eu quem n'a salvava da deshonra!

Consegui acalmal-a, e tomei a mim levar-a a sua casa, de onde fora raptada, quasi illudida e cedendo á mais indigna machinação.

Ella chorava sempre, e ao mesmo tempo agradecia-me com effusão, o tel-a arrancado á perdição.

Chegamos a sua casa, lá para os lados da chamada rua do Carmo, e ajudado de uma velha ama, que a recebeo entre risos e lagrimas, pudemos fazer com que não fosse sequer suspeitada a sua sahida.

Despedi-mê com o coração confrangido, sem mais esperanza de tornar a vel-a, sem embargo de prometter-me que se havia de lembrar sempre de mim.

E hoje, que já lá vão tantos annos, morta já a mocidade, ainda tenho deante dos olhos aquella figura de flexivel elegancia, aquelles olhos negros, sombreados de compridos cilios, e como que ouço aquella voz que me entrava pelo coração.

São Paulo, 1895.

JULIO D'YVES.

## Metamorphose

*Havia em mim outróra um ser que não comprehendo:  
um mixto de creança, uma alma doudejante,  
que sabia chorar com o misero viandante  
postrado no caminho e, como um cão, gemendo...*

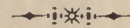
*Eu gostava de ver, aligeras, correndo  
as creancinhas sãs! E, respeitoso, diante  
das lagrimas das mães, no esforço lancinante,  
sentia a alma pulsar sob um fardo tremendo.*

*Hoje não sou o mesmo, hoje, Mulher, apenas  
—foram-se as illusões angelicas, serenas—  
eu sinto que meu ser na solidão existe...*

*E quando, pela noite, encontro alguém desnudo,  
faminto, ao luar, sorrio, indifferente a tudo,  
a alma sem creança ou fé, e calcinada e triste...*

ANTONIO DE OLIVEIRA.

Das Brumas.



## Uma daç do Padre Gura

I

Quando reuniam-se ali nas escadas da Sé, depois da missa, ás sextas-feiras, no altar das Dores, das 6 para as 7 da manhã, o major *Septem Proelia*, o licenciado Aleixo e o requerente Bento Batalha, era contar logo com o estridular forte da falada; porque, infunando-se o cavaco pelas intimidades (o que era inevitavel em estando de palestra aquelles amigalhaços), sem mesmo que dessem fé, lá iam os tres de roldão para as chocarrices intencionaes, para as moganguices allusivas ás fragilidades de cada um, até que por fim, volteiros como ficavam, por pouco se não mettiam ás punhadas em publico e raso!

E, conforme grimpava a desavença pelas cimas das contumelias e palinódias, assim as vozerias recrudescentes derramavam bâtegas estrepitosas de açougarias pelos ermos recantos da cathedral, desrespeitosamente.

Por fim era tal a fallacia que, por achar aquillo indecente até, fechando o velho *breviario* em que se penitenciava quotidianamente n'um desvão da capella do *Sacramento*, o Chico Fernandes a persignar-se com todas as mostras de um despeito afflictivo, lá ia com a nobre lentidão que tanto lhe caracterisava o tardôhno passo, a procura dos brigosos que tambem assim que lhe avistavam os pandos cabeções do capote de baêta verde, de logo gritavam entre vexados e sorridentes :



— Não! não te alarmes, não! oh Chico Fernandes!

— Não ha polemicas!

— Tudo, tudo em paz, oh juiz das conciliações!

— Algumas áscuas expertas só por folgar a gente o seu pouco com o susto d'outro!

— Algumas chalaças ao estriçote por divertir-se um homem o seu bocado, oh santo varão dos demandistas!

Nesse dia, ouvindo taes exclamações, não se poudo conter sem que lhes biadasse, depois de apumado no conveniente recacho de juiz de paz:

— Homens de Deus que não dos diabos! Não sabeis que ás portas de uma santissima egreja se não deve fazer praça de indecencias, nem tão pouco sacar almilhas para que se notem os laparões gangrenados por tão ruidosas triscas?!

E derramando um olhar de vituperação sobre o grupo tático, concluiu sentenciosamente:

— *Via impiorum... tenebrosa!*

— Olha, oh amigo Chico, articulou medrosamente o requerente Bento Batalha, ensaiando um arremesso ao capote do juiz de paz:—bem se pôde dizer que por libello crime accusatorio contra o triquetraz do immundo, articulam os auctores por esta ou melhor de direito, e siaão provarão, primeiro: que cirandando os chinchilhos n'uma acória de acirrareo o dito do profundo, fez com isso nascer duvidas sobre o *ne declines ad dextram, neque ad sinistram avertet...*

— Deixa em paz o latinorio, oh ratão das audiencias! bramiu o licenciado Aleixo a interrompelo no mais comico esgar que o despeito pôde instantaneamente como que estatelar a indignação da victima de chocarrices:—tu queres acuitar-me ainda mais a retesia com abéssos, quando já bem bons foram os achadêgos que cá o Major me mandou para o tabaco!...

— Lá isso protesto! com um milhão de coronhadas, protesto! por esta durindana invencível e flammejante, protesto! sim! por meus bigodes de marechal, protesto!

E o major *Septem Proelia* bufou sacando a meio a lamina da espada, cuja bainha tilintou raiosa sobre a calçada. Depois proseguio n'um crescendo tempestuoso:

— Eu não sou abanthesma! eu não sou rôlha! eu não sou beatârro! eu não sou avejão! eu não sou palurdio, nem beguino, nem rebolão!!

Doloroso espanto apanhando a todos os circunstantes, espalhou por momentos um profundo silencio.

(Continúa)

## Velhas e novas

Temos o prazer de noticiar que de hoje em diante faz parte da redacção desta folha, como seu secretario, Luiz Carneiro, o sympathico e talentoso *Ludovicus* da secção *Platéas*.

Numeros avulsos de nossa folha são encontrados á venda na casa Garraux, charutarias Americana, do café Londres, do theatro Apollo e dos Girondinos.

Octaviano da Silveira, o estimado poeta, vae em breve publicar as *Paginas Academicas*, das quaes nos prometteu um bello excerpto.

Na poesia—*Uma aventura*—de Amadeu Amaral, que publicamos no numero passado, o seguinte verso:

*E ella, amuada, nem queixume solta,*  
sahiu assim, por culpa da revisão:  
*E ella, amuada, vem? queixume solta.*

O illustre dr. Hyppolito de Camargo inscreve-se hoje na lista dos collaboradores desta folha.

O distincto funcionario da lei ainda nas horas que lhe sobram se entrega aos trabalhos litterarios, e distinguio, é o termo, a *Revista Litteraria* com um delles.

Nosso amigo Augusto Rosa participa-nos seu casamento com a exma. sra. d. Adelaide de Souza Azevedo, realisado hontem.

Nossos parabens.

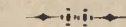
Publicamos hoje um *conto romantico* do... dr. A. C., que volta á imprensa pela *Revista*. Gratos ao illustre jurisconsulto.

Esteve deliciosa a festa de caridade de segunda feira ultima, organizada pelos drs. Cesario Motta Junior, Garcia Redondo e Braulio Gomes, em beneficio das familias das victimas da barca *Terceira*.

Della trata o nosso chronista de hoje, rasão pela qual nos limitamos a agradecer á digna commissão os convites que recebemos, felicitando-a ao mesmo tempo pelo brilhante desempenho do honroso encargo que em boa hora tomou.

Recebemos o primeiro numero d'*A Luva*, folha litteraria e humoristica que acaba de nascer em Santos.

Vida longa e feliz!



### Despachos

*Sr. Pedro Sem.*—Podia accrescentar ao seu nome a palavra *tino*. Tambem servia *tino*. Pois aquillo é coisa que se publique? Pelo que vejo a sua veia poetica é um cano de exgotto.

*Sr. A. R.*—Que temos nós com que *A Platéa* não publique versos? Achamos que isso é clamorosa injustiça, mas nada temos com o peixe. Indeferido.

*Sr. Dr. C. F.*—Obrigado e cá esperamos.

*Sr. Habitú.*—A nosso ver a unica critica sincera é a do *Commercio*.

JOB.



## PLATÉAS

*Apollo* — Tim tim por tim tim.

*S. José* — Baile á fantasia.

*Polythcama* — Baile á fantasia.

### APOLLO

Domingo — *Tim tim*....

Segunda — *Tim tim*....

Terça — *Tim tim*....

Quarta — *Tim tim*....

Quinta — *Tim tim*....

Sexta — ....

Sabbado — ....

*Tim tim*, mais *Tim tim*, só *Tim tim*! Casas cheias, a careta do Brandão alegre, a pansa do Pinto empresario a crescer de satisfação e nós daqui a dizermos que mais vale cahir nas graças da Fortuna do que lhe ser engraçado....

Verdade é isso, olá, si é!

Nós, trabalhamos dia e noute, afadigamo-nos, enchemo-nos de suores e canceiras, entretanto, andamos com algibeiras n'uma verdadeira tristeza.... Mas, tambem o devemos confessar, não temos a voz da Miola para encantar os ouvidos de qualquer burguez; não temos a graça e a belleza esculptural da amiguinha Rivero para seduzir os moços ou desesperar os velhos; não somos tão feios como Brandão ou Cesar de Lima (não confundam com Ribeiro, que ainda é mais feio....), ou como o Leonardo, o desengonçado maxixeiro, todos capazes de fazer rir um pote de bronze. Por isso é que andamos a *tocar violas*, mesmo depois de havermos cantado a nossa *musica* ao Maximo, que nem sempre a quer ouvir. (Este *desgraçado* de vez em quando nos berra furioso: E' demais, Ludovicus! Não sejas tão cacetete! Até já me pareces o homem da harpa do Americano!)

Hoje, estou cansado e com pouca disposição de fazer chronica (Culpa tambem é do Amadeu: Nem uma garrafa de Porto me trouxe para me activar as idéas, para dar-me inspiração!....). Antes, porém, de abandonar a penna, tenho necessidade de dizer aos leitores que preparo-me para ir ao baile dos Plutões e que o Filinto, o Furtado e o Zéca Lisboa enviaram-me um protesto contra a exactidão da conversa que, por mim ouvida, foi aqui publicada no ultimo numero da *Revista*.

Diz o protesto que:

— o Filinto não perde a cabeça por Miola nenhuma, nem tampouco pela Rivero: a sua perdição é o Brandão....

— O Furtado, damnado! afirma que é a Rivero quem lhe rouba o somno e o faz andar até noute avançada pelas ruas da cidade, louco por.... esquecel-a;

— finalmente, o Zéca (que é o homem do eterno « finalmente ») declara que gostando da Rivero, entretanto a declara *sem* (com sl) furos abaixo da Miola, que é a mais engraçada actriz que pisa o palco do Apollo.

O protesto ahi está: agora, os leitores que façam o juizo que quizerem desses ratões.... E, até domingo!

LUDOVICUS.

XXIII — II — XCV.

## Salões

### TENENTES

Devem ser promovidos a generaes... dizem todos os que tiveram a ventura de assistir ao baile que os *Tenentes* realizaram hontem.

Champagne, flores, alegria e musica, tudo em artistica e intelligente profusão.

*Phrynéas* elegantes que muito auxiliaram os heroicos *Plutões* no brilho que suas festas tem tido no carnaval deste anno.

### FENIANOS

Os *Fenianos* têm realizado bailes para os quaes não tivemos a honra de ser convidados....

J. FOLIÃO.

## Problemas a premio

As decifrações devem ser-nos enviadas sempre até as *quintas-feiras*. Para poderem concorrer decifradores de fóra da capital, os premios serão dados por sorte.

Descifrações das charadas do ultimo numero: Papoula, Sophia, Rocha, Patacho, Gamelão, Haroldo, Peçanha, Canudo, Patacão, Chamfalho.

Ninguém nos mandou decifrações de todas estas charadas. Sicoe apenas descifrou nove; Maroca e Rib descifraram, seis a primeira e sete o segundo; Calixto e Norcani e Clovis descifraram cinco; Lico, Pedrinho, etc., ficaram na bagagem. Por tanto, ninguem abiscoitou o premio.

Para hoje:

1—1—1—La não vegeta sem companheiro de pescoco.

1—2—Na Biblia não é inteiro e fére.

2—2—Cobre a flor na drogaria.

1—1—Suja a letra de barro.

1—2—O adverbio abriga animaes de buraco.

2—1—Não é firme a corrente; porque não é firme.

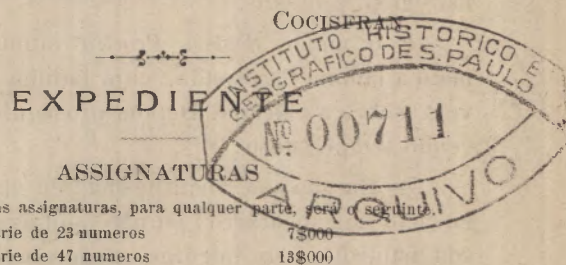
1—2—E' dô coveiro e do pescador, e dizem que tem ouvidos.

1—2—É moeda valiosa cobre.

1—1—A medida vegeta e arrasta.

Premios: *Regina*, de Lamartine, ao primeiro sorteado; uma serie desta folha ao segundo.

—Só poderá concorrer com trabalhos de sua lavra quem offerecer premio.



Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71—73.

Impresso nas officinas da Typographia Paulista

Rua Libero Badaró, 71 e 73.—S. Paulo.